

Elsa Lechner*

Estudos e práticas (auto)biográficas criativas: pesquisa, formação e diálogos em rede

Ao longo de mais de vinte anos de vida profissional enraizada na paixão pelas histórias de vida e metodologias qualitativas, temos desenvolvido os estudos biográficos numa perspectiva interdisciplinar e transprofissional, atenta às dimensões coletivas das experiências privadas e à dinâmica relacional do trabalho biográfico. Através de atividades de investigação, de formação graduada e pós-graduada, em Portugal e no estrangeiro, em particular no Brasil onde temos parcerias e colaborações (UNEB, UFBA, UERN, UFPEL, entre outras), este labor tem aprofundado o conhecimento teórico e metodológico da pesquisa biográfica nas ciências sociais em diálogo com a corrente das histórias de vida em formação. E também os seus desenvolvimentos pós-disciplinares atentos aos desafios mundiais atuais e a linguagens criativas de expressão. Nomeadamente nos estudos migratórios e trabalho com migrantes e refugiados, bem como no recurso a meios audiovisuais e performativos que tanto nos mobilizam pessoalmente.

No domínio da investigação, tem ficado evidente o contributo dos estudos biográficos para uma necessária revisão ética e técnica dos procedimentos de pesquisa, uma vez que a respetiva natureza relacional, intersubjetiva e interventiva, inaugura novos tipos de relação e de comunicação mais horizontais e participados entre sujeitos sociais/indivíduos diferentes. Também os meios digitais e da comunicação global evidenciam a inovação técnica e estética associada ao biográfico e autobiográfico nos nossos dias.

No campo da formação, os instrumentos teóricos e práticos do biográfico trazem um conhecimento compreensivo e aprofundado das vivências sociais, o que cria a possibilidade simultânea de emancipação e de empoderamento de públicos docentes e discentes de origens, culturas e classes muito diversas, assim aproximando mundos e formas de ensinar e de aprender. A formação com e sobre histórias de vida e narrativas biográficas é transcultural, crítica e (auto) reflexiva, criando a oportunidade de aprofundar as relações humanas e com o meio ambiente.

* Uma versão anterior deste texto foi publicada no livro *Redes e Movimentos Insurgentes*, organizado por Elizeu Clementino de Souza, Mariana Martins de Meireles e Rosvita Kolb Bernardes, pela Editora CRV, Curitiba-Brasil, 2024.

O campo da criatividade no/pelo trabalho biográfico foi-se evidenciando na nossa experiência de investigação e formação. Muito particularmente, esta tem sido uma constatação reiterada ao longo do desenvolvimento e aplicação do método das oficinas biográficas nesta caminhada (Lechner, 2012, 2015, 2023a, 2023b). Com efeito, neste trabalho de grupo – no qual propomos a produção e partilha de narrativas de vida em oficinas biográficas num ambiente de escuta com respeito, atenção e confiança-, constatamos de forma reiterada como os exercícios de escrita autobiográfica e das ressonâncias oferecidas pelos narratários após a escuta dos relatos, suscita a expressividade dos participantes, conduzindo a diálogos com as artes.

Neste texto serão expostos os aspetos principais das nossas reflexões e análises sobre estes três campos de atuação que convergem para o diálogo renovado entre teoria e prática biográfica num horizonte em busca de paradigmas adequados à convergência dos universos da pesquisa, formação e criatividade. Estes são três pilares em que constatamos e vivenciamos uma abertura à novidade teórico-prática que conduziu à ideia de criação da Rede Internacional de Estudos e Práticas (Auto)biográficas Criativas (RIEPAC).

Pesquisa biográfica e relações entre sujeitos, saberes e poderes diferentes: um desafio individual/societal

Os estudos biográficos, nas áreas em que nos situamos, colocam frente-a-frente sujeitos sociais com estatutos, poderes e saberes muito diferentes. Quem se propõe fazer pesquisa biográfica deve, assim, ter em consideração as questões da desigualdade social, da injustiça, da violência simbólica, das relações históricas de dominação contidas nas histórias dos interlocutores, nas relações interpessoais e também nos próprios contextos de investigação. A análise do material biográfico é sempre acompanhada de uma meta-análise sobre o processo de relação entre os sujeitos da pesquisa – quem propõe a investigação e os participantes voluntários-, de forma a dar conta da influência dos contextos de interação e de comunicação nos ‘textos’ da relação de investigação. As assimetrias, no entanto, não invalidam possíveis reciprocidades, assim como o agonismo da comunicação humana (Lecerle, 1996) não invalida a tentativa de diálogo. E tais possibilidades trazem aos ‘textos’ das narrativas intercambiadas saberes de experiência que a pesquisa biográfica incorpora.

Como todos os autores que se situam na corrente da pesquisa biográfica implicada o reconhecem, ninguém sai igual de uma tal empreitada. O que caracteriza este trabalho é, justamente, o seu caráter dialógico e relacional que forma, transforma, e tem impactos na ação social (Pineau, 1996). Mas de que maneira? E quais os efeitos para uns e para outros nos dois lados da relação? Diferentes posições de sujeito, diferentes saberes experienciais, quando tomados em conta no processo de trabalho teórico e prático, socializam o poder (Ferrarotti, 2014), que sempre permeia as relações humanas. Neste sentido, os projetos de pesquisa biográfica constituem verdadeiros laboratórios de produção colaborativa de

saber, de democratização da produção de conhecimento, e de uma comunicação horizontalizada aberta às diferentes posicionalidades e mundivisões dos diversos participantes. Um desafio que nos motiva na RIEPAC.

Podemos responder a estas questões e desafios a partir da nossa experiência de trabalho de investigação junto de populações migrantes (portugueses em França, EUA, Brasil, e imigrantes e refugiados de origens muito diversas em Portugal). Tal trabalho permite o contacto direto com as realidades da diferença na relação de interação, tanto no que diz respeito aos estatutos/posições de sujeito no terreno e na vida quotidiana, como também no que concerne questões culturais, linguísticas e simbólicas. É um trabalho intercultural, multicultural e transcultural, por excelência. E o que nos interessa aqui identificar e analisar é o desafio prático e teórico que tais diferenças e interações trazem para a produção de um conhecimento que não é só académico, profissional e profissionalizante, mas que se reconhece também como sendo um saber cívico, pedagógico, humanista; um saber que traz consciência individual e coletiva, responsabilidade partilhada, e possibilidade de transformação social positiva alinhada com os objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU 2030: nomeadamente a Educação de Qualidade (ODS 4), a Redução das Desigualdades (ODS 10), Paz e Justiça (ODS 16), e Parcerias para o Desenvolvimento (ODS 17).

Dada a natureza interescalar da pesquisa biográfica com e sobre histórias de vida e saberes de experiência (Lechner, 2015; 2022), acrescentamos ao entendimento perspetival da relação entre os diferentes sujeitos em interação na pesquisa (ou seja, a uma sobreposição sequencial das esferas de ação/posicionalidades/visões de cada um), um plano de fundo triplo que contempla as escalas micro, meso e macro do biográfico. Podemos, assim, desenhar uma imagem volumétrica deste campo de análise multidimensional. E como se trata de um material vivo (vidas, biografias, narrativas autobiográficas, entrevistas), tal volume é, igualmente, um mecanismo dinâmico e adaptativo ao tempo e ao espaço.

Perante a diferença que existe entre os sujeitos, saberes e poderes presentes na pesquisa biográfica – seja ela multicultural ou não -, e tendo em conta o dialogismo matricial deste tipo de pesquisa, verificamos que as trocas simbólicas e de comunicação em causa trazem desafios muito concretos para a nossa análise. A atenção prestada às vidas e narrativas de pessoas e grupos muitas vezes vulneráveis, invisibilizados, marginalizados, estigmatizados, por si só, constitui uma brecha de possibilidade no interconhecimento/um canal comunicante onde habitualmente domina o silêncio e o desconhecimento mútuo. A disponibilidade, por sua vez, dos participantes que aceitam voluntariamente contar as suas histórias e experiências de vida, revela igualmente uma aproximação de mundos, mesmo que apenas situacional. Mas, tanto a atenção de uns como a permeabilidade e confiança dos outros, transformam uma improbabilidade de partida em possibilidade, que é tanto melhor conseguida quanto mais afinados estão os instrumentos de trabalho biográfico. Os micro eventos situacionais também podem ser formadores, conduzindo a mudanças de perceção, tomadas de consciência e transformações.

Aqui é muito importante sublinhar o papel fundamental de técnicas de trabalho como a *escuta sensível* (Barbier, 1998), a *empatia* (Tisseron, 2014), a *impli-*

cação e transdução (Lourau, 2004), que aprofundam a relação de alteridade no terreno e criam a tal coerência teórico-prática tão necessária. Com efeito, para que uma pesquisa biográfica não se confunda com um mero exercício extractivista de ‘dados’ relativos às vidas dos nossos interlocutores de terreno, é preciso aceitar a proposta teórico-prática destes três instrumentos citados: “escutar não é ouvir”, especificou Barbier; acolher não é entender, dizemos nós quanto à empatia; e estar implicado é acompanhar um processo de transformação que Lourau apelida de *transdução*.

Em concreto, a *escuta sensível* implica o corpo e a consciência múltipla das percepções humanas. Barbier desenvolveu uma abordagem transversal e uma teoria psicossociológica existencial e multirreferencial que supõe a existência de três tipos de escuta: a escuta científico-clínica, com a sua metodologia própria da pesquisa-ação; a escuta poético-existencial, que toma em conta os fenómenos imprevistos resultantes da ação do que há de específico num qualquer grupo ou indivíduo; a escuta espiritual-filosófica, isto é, a escuta dos valores últimos que atuam no sujeito (indivíduo ou grupo). Valores últimos sendo para este autor aquilo que nos liga à vida, aquilo em que investimos mais para dar sentido à vida. A escuta sensível inscreve-se nesta constelação das três escutas, mas também no sensível entendido por este autor como a forma mais elaborada do sentimento de ligação (*reliance*). Barbier identifica quatro tipos de sensibilidade: “sensitiva”, “afetiva”, “intuitiva”, e a sensibilidade “noética”, em ordem crescente, em direção ao sentimento de amor como sentimento englobante. E conclui que a sensibilidade realizada (“da plenitude de uma ligação”), se traduz por três tipos de interferência: a sensibilidade ecológica, a sensibilidade ética, a sensibilidade estética (Barbier, 1998, p. 184).

A *empatia*, por sua vez, é uma sensibilidade partilhada. Passa pelo corpo e implica uma reflexividade que tem em conta o efeito de espelho de que falava o filósofo oitocentista David Hume sublinhando a ideia de ‘reflexo dos espíritos dos homens entre si’. Hume intuiu na sua época algo que a neurologia veio depois a descobrir cientificamente: os neurónios espelho que são responsáveis, por exemplo, pelo efeito mimético automático do bocejo. Os trabalhos atuais da neuropsicologia, assim como a ideia filosófica de Hume, distinguem o processo emocional da empatia do processo cognitivo. O processo da empatia é composto por: contágio emocional, consciência de si, tomada da perspectiva subjetiva do outro, e o fenómeno de regulação das emoções (Janner-Raimondi, 2017). As interações num trabalho biográfico (entrevistas, oficinas, etc.), são uma experiência concreta de empatia, nas quais se misturam dimensões emocionais, cognitivas, sociais.

O quadro intersubjetivo destes encontros e diálogos, leva a uma competência empática com efeitos concretos para ambos os lados. Torna-se possível graças à postura de acolhimento de ambas as partes e “descentra” os sujeitos, assim os abrindo à possibilidade de mudança. Há uma permeabilização dos “intra-mundos” (Mearleau-Ponty, 1976) de cada pessoa em presença e, assim, um caminho de encontro entre a consciência de si e dos outros. A relação significativa ao

mundo dos outros é outro dos desafios epistemológicos da pesquisa biográfica: o outro no Eu, o Eu no outro. Adotar o ponto de vista do outro procurando compreendê-lo sem se confundir com ele. Há vários graus de compreensão neste contexto, segundo Pacherie (2004): epistêmica (neste caso, o conhecimento das emoções), hermenêutica (interpretação da experiência de outrem num dado contexto ambiental), de socialização (interiorização das normas morais e sociais). Quem faz trabalho biográfico não pode descurar estas três dimensões. A empatia requer uma 'visão de conjunto', plasticidade mental, ultrapassar uma perspectiva do ego (no sentido antropológico e do senso-comum), e perceber o que religa as pessoas, a relação de alteridade concreta como uma unidade de análise. É uma competência que abre caminho para uma experiência única a cada encontro de alteridade.

Veremos na terceira parte deste texto dedicada à ação criativa como colocamos a questão do poder nesta equação. A microfísica do poder analisada por Michel Foucault (Foucault, 1976), é aqui estendida aos conteúdos substantivos das trocas comunicacionais em presença nas relações de alteridade, e à própria compreensão dos graus da empatia em ação nas concretas relações heterobiográficas. Como dissemos, esta alteridade pode acontecer em contextos de grande diferença cultural e assimetria social. Razão pela qual o entendimento da questão do poder nos estudos e práticas (auto)biográficas criativas nos conduz a uma reflexão e análise dos processos emancipatórios mútuos dos exercícios auto e heterobiográficos. De forma central, a questão do corpo e dos processos de linguagem em partilha (com a escuta sensível e a empatia em ação), abrem canais de compreensão e de verificação desse empoderamento. Não nos podemos esquecer que estamos no domínio dos saberes de experiência, das vivências concretas dos sujeitos que as podem exprimir através de diversas linguagens (corpo, palavra, representações várias).

Por seu lado, a *implicação*, como nos diz Alhadeff-Jones (2019, p. 98), reveste-se de uma dupla função e relevância: renova a velha noção de subjetividade ao conduzir investigadores e participantes a interrogarem-se sobre os seus estatutos no terreno; e evidencia a pertinência da abordagem biográfica no acesso à experiência implicada dos pesquisadores e formadores nas suas atividades. Para Lourau, a implicação traduz as relações do pesquisador à sua prática de pesquisa, ao objeto de estudo, contexto cultural e institucional, ambiente circundante, meios materiais, poder, libido e a sociedade a que pertence (Lourau, 1981, p. 24, nossa tradução e adaptação). Há diversos níveis de implicação, e tipos primários e secundários. Mas o que importa aqui é a consciência deste envolvimento e a conseqüente necessidade de questionar as suas dimensões psicológicas, sociológicas, políticas e éticas. Para não se confundir com fusão/projeção, nem com manipulação, há que identificar as formas e motivações da implicação no terreno e fazer uma análise rigorosa da sua dinâmica auto e hétero reflexiva na pesquisa ou formação biográficas em causa. Trata-se de um exercício autorreflexivo e crítico.

Formação com e sobre histórias e narrativas de vida: uma teoria da prática relacional

No domínio da formação, o trabalho biográfico é desde os anos 1980 um campo por excelência de inovação teórico-prática e de diálogo transdisciplinar e transprofissional. Reconhecemos em Gaston Pineau o pioneirismo da construção de um paradigma assumidamente inspirado nas ciências sociais e na consciência política e cívica das questões da educação e formação, sobretudo a formação de adultos e ao longo da vida.

Neste contexto, o trabalho com e sobre histórias de vida e narrativas biográficas e autobiográficas, tem constituído todo um campo do saber que advoga e concretiza uma teoria da prática relacional. Nós próprias fomos formadas no início dos anos 2000 por Marie-Christine Josso (Pós-graduação em Pedagogia Perceptiva, Lisboa, 2003) e Jeanne-Marie Rugira (Universidade de Paris 8, 2004), nos instrumentos teóricos e práticos desta pesquisa a formação biográfica sensível-empática-implicada. Será a especificidade do trabalho biográfico que afina, justamente, a sensibilidade e competência empática permitindo treinar a escuta, o diálogo e a disposição para o acolhimento da diferença do Outro. Por essa razão, é fundamental associar a formação biográfica a exercícios autorreflexivos e também autobiográficos de quem se propõe desenvolver estudos e trabalhos nesta área. A teoria da prática relacional passa pela antropoformação também de quem desenvolve estudos biográficos.

O termo *antropoformação* – etimologicamente “*o homem em formação*» ou “*a formação do homem*»-, foi proposto por Gaston Pineau no arranque da corrente das histórias de vida em formação que associa a análise da formação e educação à questão identitária do indivíduo como ser social. Analisa a maneira como os seres humanos se formam a partir do que vivem, percebem, pensam, imaginam, aquém e além da educação formal e institucional. Corresponde a processos de construção da pessoa no sentido da sua formação, que nesta corrente se desenvolve a partir da dialética entre o social e o pessoal, o singular e o universal (paradigma singular-plural). Corresponde a uma especificidade propriamente humana: *antropo*-formação. A antropoformação interroga a relação entre singularidade e universalidade humana, não redutível a um só campo epistemológico. Pineau enfrenta e desconstrói os paradigmas herdados da educação tradicional, encontra tensões entre tradição e inovação, entre construção formal experiencial, entre subjetivação, socialização, e fala em “*ecologização*” (Pineau, 1997), assim incluindo na antropoformação todas as dimensões da existência humana.

A antropoformação resulta de uma abordagem antro-po-fenomenológica e hermenêutica, até mesmo *anagógica* (interpretação do sentido espiritual), dos percursos de vida, do singular e universal do devir de cada pessoa. O modelo de antropoformação é ontológico, fenomenológico, epistemológico, debruçando-se sobre os diversos níveis a fim de precisar a sua inteligibilidade que se encontra no “entre-dois», no vai-e-vem entre singular e universal do caminho antropológico de cada um. Articula sujeito existencial e sujeito interior, ignorância e conhecimento, devir pessoal e história. Além da ecologização, da socialização,

da subjetivação afirma-se também a questão da ontoformação dentro da antropofomação como problemática fundamental das relações entre singular e universal, fenomenologia e ontologia. Tem, assim, três eixos que tomamos em conta na nossa abordagem dos estudos e práticas (auto)biográficas criativas da RIEPAC: a) autoformação; b) heteroformação, c) ecoformação.

O prefixo ‘auto’, segundo Pineau, dá uma força nova à formação, tradicionalmente mais limitada do que a noção de ‘educação’ no mundo das práticas sociais e profissionais. Ela inova no contexto educativo instituído. A autoformação corresponde a um movimento de formação de si para si, que é ao mesmo tempo pessoal e universal. Tal movimento atravessa a educação, a instrução, o ensino, a aprendizagem, mas também o trabalho e o quotidiano ao longo da vida e em todos os setores da vida (Pineau, 2019, p. 194).

Desde a sua gênese, para este autor, a autoformação tem uma forte ligação com a autobiografia, o que faz dela um conceito-chave para o desenvolvimento pós-moderno da tripla revolução psicológica-social-narrativa, anunciada (continua Pineau) nas obras *As Confissões de Rousseau (1782-1789)*, *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister de Goethe (1796)* e *a Introdução às experiências do espírito de Dilthey (1883)*. Pineau mostra que este termo nasceu nos anos 1970-80 no contexto da abertura institucional da educação, primeiro na formação de adultos, depois na educação permanente. Em 1978 Pineau publica o artigo “As possibilidades da autoformação” sobre a apropriação pessoal do processo de formação. Em 1983, aparece uma primeira obra com esse termo no título e ligando-o explicitamente à autobiografia: “Produire sa vie: autoformation et autobiographie” (Pineau et Marie-Michèle, 1983). A autoformação é aí desenvolvida como “a apropriação do processo de formação” (p. 77-101) e como “a emergência de um novo paradigma de formação humana permanente”. (p. 103-114).

A montante, diz o autor, é a teoria dos três mestres educativos de JJ Rousseau que permite situar estas experiências formativas pessoais. Como sabemos, os três mestres educativos de Rousseau são a “educação da natureza” que diz respeito ao desenvolvimento interno das faculdades humanas, das nossas disposições (esta forma de educação não depende de nós, devendo ser compreendida somente ao acompanhar a manifestação das nossas disposições naturais); a “educação dos homens”, que diz respeito às orientações que uns dão aos outros sobre o uso que nos é ensinado fazer da primeira (esta depende de nós em alguns aspetos); e a “educação das coisas” que estão presentes na natureza, no mundo, no ambiente, sendo essa a única de que somos realmente mestres. A autoformação define-se, então, como a tomada de consciência, a compreensão e a transformação pelo sujeito das interações entre o eu com os outros e o mundo. Acrescentemos aqui que a autoformação no seu sentido alargado, é um dos polos de formação também para a cidadania. A consciência de si e dos outros implica o conhecimento “por dentro” das diferenças, singularidades e comunalidades.

Pineau relembra que em 1992 é criado o *Groupe de Recherche sur l'Auto-Formation* (GRAF) desenvolvendo uma série de seminários e colóquios europeus e mundiais nos quais surgiu a ideia sistematizada de uma “galáxia da autoformação”. Este grupo de pesquisadores identificou 5 “planetas” principais

da autoformação que nos importa aqui referir para sublinhar a integralidade da formação biográfica: autodidaxia; autoformação cognitiva; autoformação educativa; autoformação coletiva; autoformação existencial. Mas para além da autoformação, vimos que a antropofomação também é heterofomação e ecoformação. Ou seja, comporta uma dimensão social e de alteridade, assim como a relação ao meio ambiente. Ambas estão nos materiais de estudo biográfico e se transferem depois, na prática, para a relação de trabalho biográfico.

Assumir esta complexidade do nosso trabalho não é sinónimo de dispersão. Também não significa perder o foco da nossa atenção nos nossos objetos de estudo e na meta-análise da teoria da prática relacional. O desafio está, então, em incorporar estas diversas dimensões nos próprios programas de formação graduada e pós-graduada em estudos biográficos, sem nunca deixar de lado o enorme e precioso contributo da corrente das histórias de vida em formação.

No eixo da heterofomação, verificamos como as metodologias participativas ganham grande pertinência e criam coerência teórico-prática. É neste contexto que situamos as oficinas biográficas que desenvolvemos como instrumento de treino para a pesquisa e formação biográficas (Lechner, 2023a, 2023b). Mas mesmo uma simples entrevista entre duas pessoas pode formar reciprocamente os interlocutores em situação. Os resultados da heterofomação também são, consequentemente, partilhados. A dimensão social, cultural e cívica da educação é aqui colocada em evidência. De acordo com Pascal Galvani é preciso reconhecer a transculturalidade na equação formativa para que a heterofomação se complete (Galvani, 2014). E sabemos bem como os terrenos transculturais são por definição campos relacionais que nutrem debates teóricos, sendo permeados de forma aguda pela máxima “todos diferentes, todos iguais”. Galvani traz para a análise a questão da espiritualidade, e da existencialidade, o que pode surpreender no primeiro caso, mas que é totalmente coerente com a filiação teórica desta corrente.

Marie-Christine Josso é uma autora de referência nesta abordagem heterobiográfica. O seu percurso intelectual reflete exatamente a interconexão antropofomativa dos domínios ‘auto’, ‘hetero’ e ‘eco’ formativos. E é um exemplo de coerência entre o próprio percurso biográfico autorreflexivo e o trabalho teórico e analítico com e sobre as vidas dos numerosíssimos interlocutores que lhe confiaram as suas narrativas ao longo da sua carreira. Veja-se o arco perfeito entre o seu livro “Caminhar para si” (sua tese de doutoramento publicada em 1991), o seu capítulo “Metanoia” (JOSSO, 2016), e o último texto que escreveu antes de falecer em 2022, “O meu Herbarium” (no prelo). Estes três momentos, como aliás quase toda a sua obra, são pautados por este exercício de aplicar a si mesma como autora, pesquisadora, formadora e cidadã do mundo, o potencial analítico e de tomada de consciência que os estudos biográficos permitem. Esta questão parece-nos tanto mais pertinente e relevante quanto ela sublinha e permite por em prática uma revisitação-depuração das questões de poder inerentes à condição humana e relações sociais. Com efeito, quanto mais um ser humano se questiona, analisa, conhece em diálogo consigo e com os outros, mais experiência pode fazer dos limites saudáveis do exercício do poder. O poder próprio

pode existir sem prejudicar outrem, sem exercícios de imposição nem intencionalidades egoicas, mas como expressão de talentos e de competências ao serviço de círculos virtuosos para benefícios compartilhados. Josso é para nós também um exemplo a seguir neste sentido. E desejo aproveitar esta oportunidade para testemunhar por escrito como o seu trabalho e a sua amizade até ao fim da sua vida foram importantes para esta ideia de criação de uma rede internacional que oficialize os diálogos já em curso há muitos anos entre as três áreas de atuação do biográfico identificadas neste texto: pesquisa, formação, criatividade.

Diálogos em rede: afinidades na diferença e valores compartilhados

A Rede Internacional de Estudos e Práticas Autobiográficas Criativas nasceu da ideia de juntar formalmente um conjunto de colaborações, parcerias e diálogos já existentes – alguns há muitos anos –, entre colegas de vários países e continentes que partilham a experiência de trabalho de pesquisa, formação e ação no campo biográfico.

A constituição da Rede visa aprofundar este diálogo internacional no sentido de articulações interdisciplinares e interprofissionais entre os estudos biográficos e práticas autobiográficas concretas atentas às expressões criativas dos sujeitos e da relação de trabalho biográfico no terreno. A pesquisa e formação biográficas suscitam a criatividade dos indivíduos e das coletividades produzindo efeitos transformadores nas várias escalas micro, meso, macro da vida social. Por outro lado, as expressões criativas dos sujeitos trazem elementos muito interessantes para a pesquisa e formação biográficas em que se inclui, de forma implícita, a dimensão autobiográfica. Neste sentido, a Rede propõe-se desenvolver não só os estudos biográficos universitários em que já atuamos, mas também a atenção mais transversal a práticas autobiográficas criativas em diversos outros contextos sociais e culturais, nomeadamente associações, comunidades locais, online, etc.. Temos o compromisso com tais práticas criativas, numa posição de propor, debater, conhecer, ampliar, acolher.

Em coerência com as prévias colaborações que estão na base desta formalização, a RIEPAC apresenta diversas áreas intercomunicantes em função dos debates teóricos, epistemológicos, metodológicos comuns, e dos domínios criativos diferentes em que trabalhamos: performativo, literário-poético, visual, artes plásticas, musical. Todas as expressões criativas produzidas com intuito (auto)biográfico podem ser aqui contempladas independentemente de qualquer preocupação artística disciplinar ou institucional.

O despertar criativo dos exercícios (auto)biográficos orienta de forma privilegiada as reflexões e debates da rede que nasce, desde logo, em cinco línguas: português, italiano, espanhol, francês, inglês, estando aberta a outras ainda. Identificamos tal despertar criativo, desde logo nos exercícios de expressão das experiências de vida – sejam eles escritos, orais, performativos, visuais, plásticos, musicais e sonoros. Os testemunhos de participantes de atividades

(auto)biográficas criativas igualmente o demonstram (ver, por exemplo Lechner, 2023a). Em função dos repertórios específicos e linguagens utilizadas, esta criatividade pode tomar diferentes expressões. E potencialmente todas interessam para o nosso debate.

O conceito de “medialidade” nas artes (Greenberg, 1995 [1960]), é muito útil neste campo, pois trata justamente da influência dos suportes, materiais e meios (as materialidades) no resultado das criações com eles produzidas. A matéria dá forma à obra criada, neste sentido, fazendo do seu autor.a um canal de expressão de um processo criativo em devir. Outros teóricos das artes identificam nestes meios e suportes um material metafísico, entendendo, assim, o ato criativo como um processo de busca através da relação criativa homem-material-técnica. Por exemplo no teatro – área em que também desenvolvemos atividades-, experienciamos bem como “a fundação da atuação está na realidade do fazer”; como “cada atuação é sempre única e irrepetível”, como encontramos dentro de nós como atores e atrizes o que há de universal nos seres humanos, e como essa habilidade tem algo de “religioso, pois corresponde a uma capacidade de inspirar a humanidade” (Meisner *apud* Longwell, 1987, nossa tradução).

Mas, também no encontro de alteridade nos terrenos biográficos (relação com o outro) e autobiográficos (relação com o Outro), experimentamos esses processos criativos de busca, neste caso no “material” das relações humanas. Estas são sobretudo relações de comunicação que nos convidam (quase sempre desafiam!) a fazer essa pausa, essa contemplação e reflexão sobre o próprio diálogo. Com efeito, nesta perspectiva, o diálogo e as interações humanas podem ser vivenciados e entendidos como suportes materiais através dos quais também podemos afinar técnicas e fazer buscas existenciais e de sentido partilhado. Neste caso, a técnica coloca em evidência também as questões de ética. Sobretudo no sentido filosófico (mas não só), da ética da relação ao outro e da responsabilidade social. Esta é outra dimensão criativa que nos interessa muito aprofundar e desenvolver na RIEPAC: como não reproduzir mecanismos de dominação nas relações de alteridade.

A estrutura administrativa da RIEPAC é horizontal e democrática, buscando uma coerência teórico-prática com os nossos ideais de diálogo respeitoso e inclusão de todos e todas aquelas que partilham da mesma paixão pelo biográfico, simultaneamente como campo de estudo, de pesquisa e formação, de educação cívica, de ação criativa, e de expressão artística no sentido mais lato.

No caso específico do nosso trabalho individual, identifico os efeitos criativos da pesquisa e formação biográficas em três níveis: a *esfera individual* da pessoa que nos confia a sua história e narrativas; a *esfera grupal* da relação que estabelece e desenvolve conosco ou com os pares participantes das mesmas atividades; e a *esfera coletiva* dos impactos da sua história, narração e escuta, na sociedade.

A nível individual, a novidade surge, desde logo, do encontro muitas vezes inesperado com o interesse e intencionalidade de quem propõe o trabalho biográfico (frequentemente os cidadãos comuns não consideram sequer que as suas histórias possam ter interesse ou relevância para outras pessoas e muito menos

no espaço público). Num segundo momento, resulta da abertura para um exercício de rememoração dos percursos de vida relatados e consequente efeito de resinificação das experiências narradas. Este é o nível autobiográfico em que a própria produção narrativa, como bem mostrou Paul Ricoeur (1988), constrói os sujeitos e redefine identidades. O exercício narrativo tem o poder quase alquímico (dizemos nós) de trazer consciência através da oportunidade que cria para prestarmos atenção à materialidade da língua e da linguagem utilizada na narração, e para criar sentido.

Ora, na transmissão das narrativas a outrem – a um ouvinte-narratário, entrevistador, ou colega de oficina biográfica-, encontramos o surgir de outras novidades que, desta vez, evidenciam a criatividade no nível heterobiográfico: o confiar da narrativa a alguém ou a um grupo, abre os horizontes não só de significação de quem narra, mas também de interpretação e da escuta. Permite conhecer as experiências e perspectivas dos narratários que, assim, oferecem o seu mundo ao mundo de quem narra. Podemos dizer que esta criatividade é também intercultural e transcultural, permitindo fazer a experiência do que há de comum entre sujeitos pertencentes a culturas e mundos diferentes, por vezes mesmo radicalmente diferentes. Tem um enorme potencial de educação cívica e de resolução de conflitos.

A partir do momento em que as narrativas são produzidas, confiadas, partilhadas em ambiente de confiança (com a sensibilidade, empatia e implicação acima analisadas), inauguram-se relações de solidariedade e de cumplicidade que muitos dos interlocutores e participantes de trabalhos que temos desenvolvido apelidam de “laços”, “elos”, “círculos sagrados”, “amizade” (como se pode ler em dois artigos já citados que publicámos em 2023). Estes encontros e a sua qualidade agregadora são extra-quotidianos, mas permitem fazer a experiência de uma esperança para as relações humanas assente na responsabilidade ética perante si e os outros. São uma utopia concreta que inova por essa mesma razão no panorama geral e global de um mundo marcado por mortíferos conflitos armados e enormes desigualdades sociais.

Notas conclusivas

Concluo este texto em modo de abertura: com a divulgação oficial da *Rede Internacional de Estudos e Práticas (Auto)biográficas Criativas* (RIEPAC), e o convite aos nossos leitores para desenvolverem connosco reflexões, diálogos, debates, intercâmbios sobre esta dimensão esperançosa da criatividade no e pelo biográfico. A criatividade pode resultar de exercícios (auto)biográficos individuais e em grupo, mas ela tem um potencial mais vasto de transformação social. Ao prestarmos a devida atenção a estes efeitos, percebemos também o seu carácter agregador, aberto à interdisciplinaridade e a diferentes áreas de atuação profissional interessadas nas histórias e narrativas de vida. A Rede propõe-se analisar as múltiplas dimensões da criatividade. Também visa desenvolver atividades concretas de exercício dessa criatividade, através de me-

tecnologias plurais, participativas, em diversos suportes de expressão escrita, oral, performativa, visual, artística.

Os campos da pesquisa, da formação, e da expressão criativa são, assim, na RIEPAC entendidos e praticados como sendo intercomunicantes, dialogantes, estendendo-se às várias áreas, acadêmica, escolar, e da sociedade em geral, para incluir e não excluir, saberes de experiência sobre o biográfico e sua dimensão criativa a quem os queira partilhar.

A Rede tem consequentemente várias áreas de atuação, diversas secções sub-temáticas, e fóruns de encontro em várias línguas e linguagens. Sejam muito bem-vindos!

Referências

- Alhadef-Jones, M. 2019, “Implication”. In Delory-Momberger. C. (Org.). *Vocabulaire des Histoires de vie et de la recherche biographique*. Paris: érès. Pp. 98-101.
- Barbier, R. , 1998, “A escuta sensível na abordagem transversal”. In Barbosa, Joaquim (Coord.). *Multirreferencialidade nas Ciências e na Educação*. São Carlos: Editora da UFS-Car, p. 168-199.
- Ferrarotti, F., 2014, *História e histórias de vida. O método biográfico nas Ciências Sociais*. Natal: edufn.
- Foucault, M., 1976, *La volonté de savoir*. Paris: Gallimard.
- Galvani, P. , 2014, “Pratiques spirituelles, autoformation et interculturalité”. *Revue Pratiques de formation/Analyses*, n. 64-65, *Revue Internationale en Sciences de l'Éducation*. Paris: Université de Paris 8.
- Greenberg, C., 1995, “Modernist Painting”, org. John O'Brian, *The Collected Essays and Criticism*, Volume 4, The University of Chicago Press (ed. or. 1960).
- Janner-Raimondi, M., 2017, *Visages de l'empathie en éducation*, Nîmes: Champ Social.
- Josso, M-C., 1991, *Cheminer vers Soi*. Genève: L'âge d'homme.
- Josso, M-C. , 2016, A Metanoia: um processo biográfico de mudança de paradigma. In: Abrahão, Maria Helena Menna Barreto; Frison, Lourdes Maria Bragagnolo; Barreiro, Cristhianny Bento (Orgs.). *A Nova Aventura (Auto)biográfica – Tomo III*, 458p. Porto Alegre: EDIPUCRS, 5 p. 59-89.
- Josso, M-C. “Meu herbarium”. In ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto, *Uma História de Vida*. Curitiba: CVR. No prelo.
- Lecerle, J-J., 1996, *La Violence du langage*, Paris, PUF (ed. or. 1990).
- Lechner, E., 2012, “Oficinas de Trabalho Biográfico: pesquisa, pedagogia e ecologia de saberes”. *Revista Educação e Realidade*, 37 (1), Abr., pp. 71-85.
- Lechner, E. (Org.), 2015, *Rostos, Vozes e Silêncios: uma pesquisa biográfica colaborativa com imigrantes em Portugal*. Coimbra: Almedina.
- Lechner, E., 2022 Aula inaugural do PPGCS da UERN. Youtube, 14 de março.
- Lechner, E., 2023a “Dimensões coletivas do trabalho biográfico como pesquisa-formação: oficinas biográficas em foco”. *Linhas Críticas*, 29.
- Lechner, E., 2023b, “Oficinas biográficas com estudantes e investigadores: um método participativo de investigação e formação”. *Cadernos IS-UP*, 3, pp. 41-49.
- Longwell, D., 1987, *Sanford Meisner On Acting*. Random House USA.
- Lourau, R. Implicação-Transdução. In Altoé (Org.), René *Lourau: analista institucional em tempo integral*, pp. 212-223. São Paulo: Hucitec, 1981.
- Merleau-Ponty, M., 1976, *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard.

- Pacherie, E. “L’empathie et ses degrés”. in A. BERTHOZ et G. JORLAND (dir.), *L’empathie*, Paris: Odile Jacob, pp. 149-181.
- Pineau, G., et Michelle, M. (Eds.), 1983 *Produire sa vie. Autoformation et autobiographie*. Téraèdre.
- Pineau, G., 1996, “Les histoires de vie comme art formateur de l’existence”. *Pratiques de formation/Analyses*, 31, pp. 65-80.
- Pineau, G. “Autoformation”, 2019, in C. Delory-Momberger (Org.), *Vocabulaire des Histoires de Vie et de la recherche biographique*. Paris: Érès. pp. 193-197.
- Ricoeur, P. , 1988, “L’identité narrative”. *Revue Esprit*, 140/141 (7/8), pp. 295-304.
- Tisseron, S., 2014, *L’empathie au cœur du jeu social*. Paris: Albin Michel.